



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**A ANTIGUIDADE CLÁSSICA NO ACERVO DO PROJETO DE EXTENSÃO**  
***ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS***

ANNA CAROLINA RIBEIRO CUNHA

Rio de Janeiro  
2024

ANNA CAROLINA RIBEIRO CUNHA

**A ANTIGUIDADE CLÁSSICA NO ACERVO DO PROJETO DE EXTENSÃO**  
***ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS***

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Português e Latim, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katia Teonia Costa de Azevedo.

Rio de Janeiro  
2024

## CIP - Catalogação na Publicação

C972a Cunha, Anna Carolina Ribeiro  
A antiguidade clássica no acervo do projeto de extensão Alunos Contadores de Histórias / Anna Carolina Ribeiro Cunha. -- Rio de Janeiro, 2024.  
32 f.

Orientadora: Katia Teonia Costa de Azevedo.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim, 2024.

1. Antiguidade clássica greco-romana. 2. Fábulas de Esopo. 3. Adaptações literárias. 4. Recepção da antiguidade clássica. I. Azevedo, Katia Teonia Costa de, orient. II. Título.

## **FOLHA DE AVALIAÇÃO**

ANNA CAROLINA RIBEIRO CUNHA

### **A ANTIGUIDADE CLÁSSICA NO ACERVO DO PROJETO DE EXTENSÃO *ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS***

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras: Português e Latim, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Aprovada em:     /     /     .

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katia Teonia Costa de Azevedo - Orientadora  
Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Thereza Basílio Vieira - Leitora crítica  
Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro

## AGRADECIMENTOS

A minha mãe Elaine e a minha mãe avó Tânia Maria, pelos esforços imensuráveis para que eu tivesse essas asas, esse porto e esse conforto. De todo o amor, o carinho, os sonhos, as alegrias, as aspirações, a paciente paciência, a persistência, os infindáveis projetos artesanais jamais acabados que eu tenho, metade foram vocês que me deram. E eu os carrego com muito orgulho, na esperança de ser a realização daquilo que foi sonhado por vocês.

Ao meu avô Silas, o homem que despertou meu interesse por histórias fantásticas, eterno herói e melhor ouvinte. Triste sorte a minha é ter o senhor como anjo da guarda.

Ao meu irmão Vinícius que, por meio da perturbação e do carinho mútuos, não me deixou esquecer que a vida também existe fora da faculdade. Quebro a regra dos irmãos para deixar registrado que eu te amo. Te amo tanto que quase te emprestaria meu único carregador ou daria o maior pedaço da minha sobremesa para você. Nunca se esqueça.

A minha família e aos amigos que torceram por mim a cada passo dessa jornada, em especial as minhas primas irmãs Allana e Laura, sem as quais eu não teria ido tão longe. Caminhar na vida com vocês é como nosso vôlei. Provavelmente deveríamos parar para aprender a jogar de verdade, mas errar e acertar com vocês torna tudo tão mais leve e dá um sabor especial às conquistas. Sei, mais do que nunca, quando as vejo, que todas elas são coletivas e que eu não ando só.

Aos *cari amici* da graduação que estiveram comigo nos bons momentos e também nas hipoglicemias. Ester, Gabriela, Gustavo, Juliana, Kat, Laryssa e Matheus, sem vocês, nada disso teria a menor graça ou seria tão doce. Agradeço também a minha amiga Paula, por todo o incentivo, desde a escola. Ainda virão muitas vitórias e sei que sempre estaremos prontas para aplaudir uma à outra.

A todas as crianças e contadores com quem tive o prazer de trocar histórias por sorrisos pelos corredores do IPPMG, em especial à Tayanna, profissional na arte de imitar tucanos, esquilos, galinhas e o que mais eu tivesse vergonha de fazer, sem a qual a leitura de histórias com animais jamais ocuparia um espaço tão grande no meu coração. À coordenação do *Alunos Contadores de Histórias*, pela cumplicidade e torcida de sempre. Ao projeto em si, que me acompanhou durante a maior parte da minha graduação, me reapresentou à literatura infantil e me apresentou à Carol-contadora-de-histórias no momento em que eu mais precisava conhecê-la. Sem as trocas possibilitadas pelo projeto e por tudo o que ele representa em minha vida, essa pesquisa não existiria. E agradeço, claro, aos pintinhos de duas orelhas,

amigos que a extensão me deu, pelas risadas fáceis, o carinho e o apoio dados na graduação e na vida. Nosso encontro foi mesmo coisa rara, eu amo vocês.

Às professoras de língua e literatura latinas Arlete José Mota e Ana Thereza Vieira, por conduzirem de forma encantadora as aulas que me revelaram a magia do Latim e por todo o carinho comigo, desde o princípio. À professora Ana Thereza agradeço, também, por ter gentilmente aceitado ser leitora crítica deste trabalho, pela preocupação com a minha saúde e bem estar e por todo o encorajamento durante a graduação.

A minha querida orientadora Katia Teonia, dona de um amor comovente pela literatura e pelo ensino, por ter me recebido no grupo de pesquisa FABULA, acreditando na pesquisa e no meu potencial com tanto carinho, por ter conduzido a orientação de forma tão leve e por ter me feito repensar minha relação com a vida acadêmica ao me fazer perceber como é especial dar vida a uma pesquisa. Fico feliz em saber que você contribuiu para a realização do meu sonho.

À Minerva, por alguns dos melhores anos da minha vida.

Agora sim, por ora, *acta est fabula*.

## RESUMO

A presente monografia apresenta um estudo acerca da presença da antiguidade clássica greco-romana no acervo bibliográfico infantil do projeto de extensão universitária *Alunos Contadores de Histórias* (IPPMG/UFRJ), buscando defender a relevância e a pertinência destas obras no processo formativo leitor e cidadão das crianças e jovens que têm acesso a elas, como verificado por meio dos estudos de Calvino ([1991], 2007), Candido ([1995], 2011), Machado (2002) e Petit ([1998], 2009). Para alcançar este objetivo, valendo-se dos estudos de recepção dos clássicos e das adaptações literárias, concebidos, principalmente, por Martindale (1991; 1993) e Feijó (2010), respectivamente, o trabalho propõe uma análise descritiva das adaptações de fábulas atribuídas ao fabulista antigo Esopo encontradas no acervo bibliográfico mencionado, bem como uma análise do gênero fábula, elucidada por Dezotti (2018). Por meio dele, busca-se legitimar a difusão de narrativas da antiguidade clássica greco-romana no meio literário e confirmar que sua presença deve ser incentivada como uma forma de perpetuação e preservação de um riquíssimo patrimônio cultural.

**Palavras-chave:** antiguidade clássica greco-romana; fábulas de Esopo; recepção de clássicos; adaptações literárias.

## ABSTRACT

This monograph presents a study on the presence of Greco-Roman classical antiquity in the children's bibliographic collection of the university extension project *Alunos Contadores de Histórias* (IPPMG/UFRJ), seeking to defend the relevance and pertinence of these works in the reader and citizen formation process of children and young people who have access to them, as verified through studies by Calvino ([1991], 2007), Candido ([1995], 2011), Machado (2002) and Petit ([1998], 2009). To achieve this objective, drawing on studies of the reception of classics and literary adaptations, conceived mainly by Martindale (1991; 1993) and Feijó (2010), respectively, the work proposes a descriptive analysis of the adaptations of fables attributed to the ancient fabulist Aesop found in the aforementioned bibliographic collection, as well as an analysis of the fable genre, elucidated by Dezotti (2018). Through it, we seek to legitimize the dissemination of narratives from Greco-Roman classical antiquity in the literary environment and confirm that their presence should be encouraged as a way of perpetuating and preserving a very rich cultural heritage.

**Keywords:** Greco-Roman classical antiquity; Aesop's fables; reception of classics; literary adaptations.

## **SUMÁRIO**

- 1. INTRODUÇÃO**
- 2. A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS NA FORMAÇÃO LEITORA E CIDADÃ**
- 3. O PROJETO DE EXTENSÃO *ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS***
  - 3.1. O acervo bibliográfico do projeto**
  - 3.2. As fábulas de Esopo: os clássicos da antiguidade no acervo**
  - 3.3. Desafios e expectativas na mediação dos clássicos da antiguidade no IPPMG**
- 4. CONCLUSÃO**
- 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico, intitulado *A antiguidade clássica no acervo do projeto de extensão Alunos Contadores de Histórias*, tem por objetivo ressaltar a importância da antiguidade clássica greco-romana em nosso tempo, sobretudo para a formação leitora e cidadã das gerações mais novas, para as quais também ainda se faz relevante, bem como objetiva defender a presença dessa antiguidade em acervos de literatura infantil e juvenil, entendidos como valiosos veículos para a difusão desse patrimônio cultural.

Antonio Candido, para quem a literatura configura-se como uma necessidade universal e, portanto, tem a sua satisfação como um direito a ser cumprido, nos lembra de que, desse modo, ela se constitui como um dos fatores indispensáveis para a humanização, confirmando o homem em sua humanidade ao trabalhar, em grande parte, em seu inconsciente e subconsciente ([1995], 2011, p. 177). Assim, nos parece natural que recorramos a ela não só em momentos agradáveis ou de lazer, mas também em tempos difíceis, de vulnerabilidade ou fragilidade, em que o conforto e o acolhimento se tornam ainda mais indispensáveis.

Partindo desta perspectiva em que a literatura é entendida como um direito, esta pesquisa é motivada pelo reconhecimento do trabalho de humanização hospitalar desenvolvido no âmbito do projeto de extensão *Alunos Contadores de Histórias* (ACH), por meio da leitura de livros para as crianças e os jovens em atendimento no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG), hospital pediátrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a fim de atenuar os possíveis desconfortos causados pelo ambiente hospitalar. O apreço e o envolvimento da autora desta pesquisa com o projeto, enquanto contadora de histórias e aluna extensionista do ACH, somados ao nosso encantamento com o abundante universo da literatura voltada para as crianças, principalmente no que concerne à relevância da presença da antiguidade clássica nele, constituem, portanto, o fundamento para o trabalho aqui proposto.

Nesta pesquisa que se debruça sobre as adaptações literárias voltadas para o público infantil e juvenil, as fábulas adaptadas de Esopo surgem como representantes da antiguidade clássica greco-romana, uma vez que foram as únicas obras desta temática encontradas no acervo bibliográfico do referido projeto de extensão. Assim, propomos, também, a perpetuação e a atualização deste cânone, tidas para Mário Feijó como um “procedimento habitual e inerente à renovação da tradição literária” (2010, p. 43), além da valorização da

oralidade, recurso de suma importância no trato das atividades desenvolvidas pelos contadores de histórias em questão.

Desse modo, aqui, apresentaremos uma análise quanto ao gênero textual fábula e aos exemplares de fábula encontrados no acervo bibliográfico da extensão *Alunos Contadores de Histórias*, a saber: *A Lebre e a Tartaruga*, adaptada por Eunice Braido, ilustrada por Glair Arruda e publicada pela editora FTD (2006) e *A Cigarra e a Formiga*, cujo adaptador não é identificado, ilustrada por Jesús Lopez e publicada pela editora Ciranda Cultural (2013), atribuídas ao fabulista e contador de histórias antigo Esopo. Logo, o estudo da presença da antiguidade clássica greco-romana no acervo bibliográfico infantil, por meio das fábulas mencionadas, justifica-se pelas importantes contribuições do próprio Esopo, enquanto um dos principais autores do gênero fabulístico, para o universo da literatura infantil contemporânea e pela relevância delegada a este gênero textual, em nossos tempos tão caro, especialmente, à infância.

Esta monografia divide-se em mais três capítulos, além deste primeiro, de caráter introdutório. A seguir, no segundo capítulo, são abordados a importância dos clássicos para a formação leitora e cidadã dos indivíduos, bem como a definição de clássico utilizada para fundamentar a pesquisa aqui proposta e, também, o direito à leitura desses clássicos da antiguidade greco-romana, um ideal que permeia todo o texto. Para tanto, recorreremos aos trabalhos de Candido ([1995], 2011), Eliot ([1994], 2014), Calvino ([1991], 2007), Feijó (2010) e Machado (2002) para nossa fundamentação teórica.

Em seguida, no capítulo terceiro, é feita, além da contextualização do local onde se localiza o acervo bibliográfico a ser analisado, no projeto de extensão *Alunos Contadores de Histórias*, uma análise do gênero textual fábula em sua concepção, bem como seus desdobramentos por meio dos estudos da recepção de clássicos, universo no qual se inserem as adaptações de fábulas, às quais propomos, por fim, uma análise descritiva. Para sua composição recorreremos, especialmente, aos estudos de Dezotti (2018), Petit ([1998], 2009), Feijó (2010), Foucault ([1971], 1996) e Martindale (1991; 1993).

Em síntese, esta pesquisa tem como objetivo evidenciar a importância da antiguidade clássica greco-romana no acervo do projeto de extensão *Alunos Contadores de Histórias*, sublinhando o papel das fábulas de Esopo como ícones de um patrimônio cultural que se relaciona diretamente com a formação de leitores e cidadãos nas novas gerações. A análise realizada enfatiza o valor da literatura voltada para o público infantil e juvenil como um meio de disseminação de conteúdos clássicos, promovendo a humanização através da oralidade e da

leitura. Esperamos que este estudo contribua para a valorização e ampliação do repertório literário infantil, estimulando a inclusão de outros clássicos da antiguidade em projetos de extensão e ações educativas, reafirmando, dessa forma, a literatura como um direito essencial e um fator transformador no desenvolvimento humano.

## 2. A IMPORTÂNCIA DOS CLÁSSICOS NA FORMAÇÃO LEITORA E CIDADÃ

O educador pernambucano Paulo Freire nos diz, no capítulo<sup>1</sup> que também nomeia sua obra *A importância do ato de ler* ([1981], 2003), que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (2003, p. 9). Vemos que as histórias, reais ou fictícias, fazem parte da vida de qualquer indivíduo inserido na sociedade, sem que ele necessite compreender os conceitos de palavra ou narrativa. Um bebê que ainda não tenha atingido a idade escolar, por exemplo, é capaz de desfrutar de histórias, assim como um adulto que não tenha sido alfabetizado. Desse modo, a leitura do mundo não necessita de um conhecimento formal para ser realizada, mas pede um conhecimento sensível, adquirido e enriquecido através das mais diversas experiências humanas.

É possível verificar o ato de fabular como uma prática inerentemente humana e norteadora de sociedades desde antes mesmo da invenção da escrita. Grande parte das civilizações, em dado momento, recorreu à tradição oral e, posteriormente, quando possível, à tradição escrita para reunir e transmitir saberes, organizar códigos de conduta, entreter e enriquecer o espírito, registrar sua história, religião e cultura e formar, coletivamente, o imaginário de todo um povo. Fosse através dos *aedos* ou rapsodos, os cantadores e contadores de histórias da Grécia antiga, dos *griots*, os contadores de histórias africanos, ou ainda dos contadores de história presentes nos próprios contextos familiares, os avós, pais e filhos, a história sempre se fez presente. Sobre a importância desse fabular, Antonio Candido comenta:

não há povo e não há homem que possa viver sem ela [a literatura], isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim

---

<sup>1</sup> O capítulo é oriundo da conferência de abertura sobre alfabetização de adultos em São Tomé e Príncipe, realizada por ocasião do *Congresso Brasileiro de Leitura*, em novembro de 1981, em Campinas (SP).

como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (Candido, [1995], 2011, p. 176).

Chegamos ao século XXI com milhares de textos produzidos em mídia física ou digital. Certamente, com mais exemplares e *e-books* do que os leitores mais ávidos dos séculos passados poderiam sonhar em ter acesso. Diante de uma grande variedade, com tantos livros a disposição, em um mundo que se renova a uma velocidade alarmante e, ao que parece, nos concede cada vez menos tempo para a realização de atividades que alimentem o espírito, que motivos teríamos para nos voltar à literatura produzida em uma outra época? A uma literatura que poderia ser considerada ultrapassada?

Italo Calvino, célebre escritor do século XX, procura responder a questões semelhantes em *Por que ler os clássicos* ([1991], 2007) e nos direciona a reflexões interessantes e produtivas sobre o assunto. A partir delas, procuramos evidenciar a importância da fruição dos textos clássicos, sobretudo os da antiguidade clássica greco-romana que, ainda hoje, comunicam-se com nosso íntimo e suscitam em nós questionamentos internos e externos para nossa formação cidadã. Defendemos, assim, o direito de se conhecer os textos que tanto dialogaram e ainda dialogam com a literatura contemporânea, com ênfase à infantil e juvenil, e se fazem presentes de diversas maneiras na cultura popular ocidental até este tempo.

Inicialmente, porém, convém, desde já, explicar de modo mais específico de que clássicos estamos falando e, para isso, tomaremos emprestadas as palavras de T. S. Eliot, no ensaio *O que é um clássico?* ([1944], 2014), em que são postuladas as condições de existência destas obras:

Um clássico só pode ocorrer quando uma civilização atingiu a maturidade; quando uma língua e uma literatura atingiram a maturidade; e deve ser a obra de um espírito que atingiu a maturidade. É a importância dessa civilização e dessa língua, bem como a compreensibilidade do espírito do poeta individual, que conferem a universalidade (Eliot, [1944], 2014, p. 131)<sup>2</sup>.

A palavra-chave neste excerto, para nós, será a universalidade. Aqui, apesar das diversas acepções para o termo, também adotaremos a ideia de clássico como um produto da maturidade linguística e literária de determinada cultura cuja mensagem, por sua importância coletiva, resistiu à rigorosa força do tempo. Em outras palavras, ao falarmos

---

<sup>2</sup> Cf. “A classic can only occur when a civilization is mature; when a language and a literature are mature; and it must be the work of a mature mind. It is the importance of that civilization and of that language, as well as the comprehensiveness of the mind of the individual poet, which gives the universality” (Eliot, T. S. *What is a Classic?*. In: *On Poetry and Poets*. Tradução de Maria Adelaide Ramos. Londres: Faber and Faber Limited, 1957, p. 54).

dos tais clássicos da antiguidade de origem greco-romana, falaremos aqui dos clássicos nascidos na oralidade, especialmente daqueles que começaram a ser difundidos bem distantes de nós, tanto no tempo quanto no espaço. A este universo abundante pertencem nomes como Homero, Hesíodo, Safo, Sófocles, Virgílio, Cícero, Catulo, Ovídio, Fedro e um dos nomes que, nesta pesquisa, mais nos interessa: o fabulista Esopo.

Assim, dentre as muitas razões pelas quais ler os clássicos elencadas por Calvino, destacamos aqui que “os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (Calvino, 2007, p. 11)<sup>3</sup>. Afinal, como dito por ele, “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (Calvino, 2007, p. 11)<sup>4</sup>. Encontramos sempre no livro clássico, a cada leitura, uma nova nuance. O texto se altera a cada novo encontro, pois algo dentro de nós se renova e atribui a ele um novo sentido, afetado por nossa leitura simultânea do mundo.

A datação do texto, então, não seria um fator a desestimular a leitura. É, antes, um incentivo, uma vez que, mesmo após tantos anos e versões, o texto permanece provocativo e inovador, guardando em suas linhas um tesouro por ser (re)descoberto.

A uma pessoa adulta talvez seja mais fácil inculcar a ideia de que ler um clássico funcione como um realçador de sentidos, enriquecendo toda e qualquer possível experiência que o mesmo leitor possa vir a ter com um livro contemporâneo ou posterior ao clássico lido. É Calvino quem também nos diz que um clássico nem sempre trará grandes revelações, ele pode tratar de coisas que sempre soubéramos, absolutamente banais e visíveis, mas “mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência” (Calvino, 2007, p. 12)<sup>5</sup>. Nesta fase da vida, a descoberta destas pertinências pode ser facilitada pelas múltiplas experiências adquiridas até então.

Quando pensamos em um leitor em formação, entretanto, sua bagagem afetiva e cultural é consideravelmente menor. Pode tornar-se mais difícil convencê-lo, quando o livro

---

<sup>3</sup> Cf. “I classici sono quei libri che ci arrivano portando su di sé la traccia delle letture che hanno preceduto la nostra e dietro di sé la traccia che hanno lasciato nella cultura o nelle culture che hanno attraversato (o più semplicemente nel linguaggio o nel costume)” (Calvino, Italo. *Perché leggere i classici*. Tradução de Nilson Moulin. Milão: Oscar Mondadori, 1995).

<sup>4</sup> Cf. “Un classico è un libro che non ha mai finito di dire quel che ha da dire” (*Ibidem*).

<sup>5</sup> Cf. “E anche questa è una sorpresa che dà molta soddisfazione, come sempre la scoperta d'una origine, d'una relazione, d'una appartenenza” (*Ibidem*).

não é capaz de fazê-lo por si mesmo, de que, por mais superficial que o contato com o clássico seja, ele com certeza renderá bons frutos, seja pelo reconhecimento de certos aspectos em outras leituras, seja ao saber o que mudou e o que permaneceu em um futuro reencontro com o mesmo texto, seja pelo simples prazer vindo da leitura de um bom livro.

Haveria uma boa razão aparente para que uma criança também fosse introduzida a um autor da antiguidade clássica como Esopo em vez de exclusivamente a autores contemporâneos que escrevem e falam de seu tempo? Haveria algum modo de tornar esse primeiro contato mais atraente? O que faz com que esse contato permaneça relevante, essencial e transformador para a formação de um leitor?

Nesse momento, podemos nos voltar a alguém mais familiarizado com a literatura infantil e juvenil produzida no Brasil para nos auxiliar. Ana Maria Machado, escritora que ajudou a moldar o gosto literário de boa parte dos leitores brasileiros, reivindica recortes que muito nos interessam: dentre os leitores dos clássicos, o público infantil e, dentre os clássicos lidos, os da antiguidade greco-romana. Continuamos nossa defesa, partindo agora de *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo* (2002), de Machado.

Neste livro, que revela também a formação de leitora da própria autora, já considerado um clássico de nosso tempo, lemos uma dessas coisas que talvez sempre soubéramos: “[...] nas crianças a memória ainda está tão virgem e disponível que as impressões deixadas nela ficam marcadas de forma muito funda” (Machado, 2002, p. 10). É de suma importância, então, que cultivemos esse hábito desde cedo, respeitando aquilo que está ao alcance da compreensão de um leitor em formação.

Para além dessa “semente” que pode render frutos como a permanência da leitura de textos literários na vida dos jovens, a autora também destaca o caráter transformador da literatura como uma forma de resistência à ignorância imposta à população, um resultado imediato desse primeiro contato. Além disso, ressalta que, por seu caráter imersivo, a leitura nos permite explorar a diversidade e entender o sentido de nossas próprias experiências. E “essa dupla capacidade de nos carregar para outros mundos e, paralelamente, nos propiciar uma intensa vivência enriquecedora é a garantia de um dos prazeres de uma boa leitura” (Machado, 2002, p. 20).

Consoante a esse pensamento, podemos, também, retomar Antonio Candido, que, em uma defesa desse caráter humanizador da literatura, afirma que ela “desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2011, p. 182), valores cada vez mais

indispensáveis para a sociedade justa, digna e igualitária que prezamos por construir.

No que diz respeito aos clássicos de origem greco-romana, as adaptações literárias fazem um trabalho excelente em estabelecer esse primeiro contato de forma leve e lúdica. Através de histórias em quadrinhos, poemas, contos, recontos, dentre outros recursos, abrem-se caminhos agradáveis para o reconhecimento da presença da antiguidade clássica greco-romana em nosso dia a dia. Para Machado:

Aprender depois de adulto é uma tarefa pesada e sem graça. Porque não é assim que deve ser, como se fosse um dicionário. Mas ir aos poucos, desde criança, se familiarizando com todas as histórias que estão no subterrâneo dessas referências, sem pressa, é um prazer e um enriquecimento para o espírito. Negar isso às futuras gerações é um desperdício absurdo, equivale a jogar no lixo um patrimônio valiosíssimo que a humanidade vem acumulando há milênios (Machado, 2002, p. 30).

A escritora, acostumada a escrever também para um público em fase de alfabetização escolar, resgata a importância da tradição oral por meio do incentivo à contação de histórias que nem sempre necessita corresponder a leitura integral, palavra por palavra, do livro que se lê. A mediação por parte de um leitor autônomo, como um responsável, um contador de histórias ou um professor, por exemplo, é uma ótima forma de introduzir a criança a esse rico universo, não sendo menos eficaz que a leitura convencional propriamente dita.

Assim pensa também o professor Mário Feijó, em seu livro *O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores* (2010), para quem a literatura, vinda “dos cantos, das vozes livres para narrar mitos e lendas”, começa na oralidade. “Afinal, o acesso ao conteúdo dos livros geralmente se dá antes da alfabetização, quando alguém lê em voz alta para a criança. Futuros leitores são consumidores de boas narrativas desde a infância; é um padrão que se repete” (Feijó, 2010, p. 27).

É importante salientar, entretanto, que a nossa defesa da permanência e do incentivo a leitura dos clássicos da antiguidade de origem greco-romana aqui proposta não parte de uma visão hierarquizante em que Roma e Grécia se configuram como berço de uma cultura superior ou, ainda, de uma visão estigmatizante em relação à literatura contemporânea. Entendemos que a literatura clássica antiga tem seu lugar no processo de formação cidadã — e de leitores —, bem como outras literaturas exteriores a esse cânone já consolidado e, por isso, deve se fazer presente nos espaços em que a infância também se faz presente.

### **3. O PROJETO DE EXTENSÃO *ALUNOS CONTADORES DE HISTÓRIAS***

Neste contexto da valorização das identidades construídas na infância e da promoção da literatura infantil e juvenil, inserimos o projeto de extensão *Alunos Contadores de Histórias* (ACH), afiliado ao complexo hospitalar e acadêmico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), coordenado pela enfermeira Verônica Pinheiro (IPPMG/UFRJ) e co-coordenado pela professora Ana Crelia Dias (FL/UFRJ), por Íris Guardatti, técnica em assuntos educacionais e membro da Coordenação de Integração Acadêmica da Decania do Centro de Tecnologia (UFRJ), pela fonoaudióloga Luciana Mendes (IPPMG/UFRJ), pela médica pediatra Sônia Steinhauer (IPPMG/UFRJ) e por Regina Almeida, fisioterapeuta com especialização em literatura infantil pela UFRJ. Implementado como atividade de extensão em novembro de 2009, no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG/UFRJ), hospital de referência pediátrica localizado no *campus* Cidade Universitária, o projeto, pertencente ao Centro de Ciências da Saúde, atua no âmbito da humanização hospitalar, sobretudo por meio da contação de histórias, e leva, às crianças e jovens em tratamento no IPPMG, o acolhimento possibilitado pelo universo lúdico e acolhedor da literatura.

A contação de histórias ocorre em todos os setores assistenciais do hospital — Ambulatório, Acolhimento, Radiografia, Aquário de quimioterapia, UTI, UPI, Hospital Dia, Materno-Infantil e Emergência —, e dura, em média, 15 minutos por cada criança atendida. Os alunos contadores, extensionistas responsáveis por darem voz às histórias contadas, são alunos oriundos de diversos cursos de graduação e de pós-graduação da UFRJ, selecionados por meio de um sorteio que ocorre a cada novo período letivo. Eles comprometem-se a atuar contando histórias por duas horas semanais, podendo optar por desenvolver a atividade individualmente ou em duplas e, em alguns casos e dependendo do ambiente, até mesmo em grupos maiores.

A escolha do livro a ser lido é feita pela criança, dentre as opções disponibilizadas pelo aluno contador, que leva consigo, em uma bolsa de lona azul, personalizada com a identidade visual do projeto, cerca de seis livros variados, com opções que agradem a crianças de diferentes idades e levem em consideração o fato de que, para cada uma delas, haverá necessidades e gostos diferentes. Desse modo, busca-se oferecer livros interativos, livros de adivinhação, livros com muitas imagens e pouco texto, assim como livros que possuam mais texto do que ilustrações, livros mais extensos e também aqueles mais rápidos

de serem lidos, na tentativa de agradar ao maior número de crianças possível, respeitando suas individualidades. Além disso, após a contação da história, é oferecido à criança um desenho para colorir e um estojo contendo giz de cera.

Para viver esta experiência de contar histórias em um hospital pediátrico, os alunos sorteados no processo seletivo para ingresso no projeto contam com um treinamento composto por:

- a. Palestra sobre o ambiente terapêutico e a criança hospitalizada, com ênfase na humanização hospitalar, ministrada pela coordenadora do projeto, chefe da Divisão de Extensão do IPPMG e enfermeira Verônica Pinheiro, tendo em vista o local onde são realizadas as atividades programadas;
- b. Palestra sobre o controle de infecções, ministrada por membros da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH/IPPMG);
- c. Palestra sobre literatura infantil e juvenil, ministrada pela professora Ana Crelia Dias, da Faculdade de Letras/UFRJ;
- d. Oficina de contação de histórias, ministrada pela coordenadora do projeto, fisioterapeuta com especialização em literatura infantil pela UFRJ e colaboradora voluntária do IPPMG, Regina Fonseca;
- e. Oficina de voz ministrada pela coordenadora do projeto e fonoaudióloga Luciana Mendes (IPPMG/UFRJ), tendo em vista que a fala se constitui ferramenta importantíssima para o desenvolvimento do trabalho proposto;
- f. Estágios supervisionados por alunos contadores mais antigos e mais experientes no projeto, momento em que os novos contadores de história entram em contato, pela primeira vez, com o dia a dia das atividades da extensão na prática.

É neste estágio, também, em que as dependências do projeto são apresentadas aos alunos que chegam. Apelidada carinhosamente de “salinha”, a sala de permanência do projeto no hospital abriga todos os materiais necessários para a realização das atividades da extensão, desde os característicos jalecos coloridos, uniforme pelo qual os alunos extensionistas são identificados, até claro, os livros que compõem o acervo bibliográfico do projeto, sobre o qual nós ainda nos deteremos de forma mais detalhada.

**Figura 1** – Estudantes extensionistas uniformizados em uma atividade de contação no IPPMG.



Fonte: Acervo do projeto de extensão *Alunos Contadores de Histórias*, 2023.

Passado o processo seletivo, o aluno contador formado é considerado apto a oferecer histórias e a mediar o contato entre os pacientes e a literatura infantil ou juvenil. Durante o período letivo posterior ao processo seletivo, a presença semanal do novo contador no IPPMG está garantida e, para muitos, começa aí um processo de encontros e reencontros com a literatura infantil. É comum que, ao selecionarem os livros para a contação de histórias, os alunos contadores optem por aqueles pelos quais possuem certa ligação afetiva proporcionada pela familiaridade. Afinal, sempre há grandes chances de que os livros que compõem o acervo sejam como velhos amigos de infância para aqueles que, agora, os selecionam com o intuito de contá-los aos pequenos ouvintes do hospital.

### **3.1 O acervo bibliográfico do projeto *Alunos Contadores de Histórias***

O acervo bibliográfico do projeto conta, atualmente, com cerca de 600 livros, de literatura infantil e juvenil. O acervo é formado por livros oriundos de doações ou adquiridos através de algum tipo de fomento. Assim que as novas aquisições ou doações de livros chegam ao projeto, passam por um processo de triagem com critérios pré-estabelecidos para, então, serem incorporados ao acervo ou destinados a outros fins. Alguns desses critérios de exclusão levam em consideração livros com temáticas religiosas, com linguagem inapropriada, com excesso de violência, que abordem temas sensíveis como

perdas ou doenças, além dos livros paradidáticos, das histórias em quadrinhos ou, ainda, dos livros para colorir.

Considera-se, para isso, a heterogeneidade do público atendido nesta unidade hospitalar uma vez que são necessários certos cuidados para a garantia e a manutenção de um ambiente harmonioso e tolerante com a diversidade, seja ela religiosa, sexual, cultural ou de outras procedências, além do fato, claro, de serem crianças e jovens que encontram-se em situação de vulnerabilidade em razão do estado de saúde.

Ademais, leva-se em conta o tempo de mediação reduzido e, muitas vezes, ocasional que um contador de histórias pode estabelecer com seu ouvinte. Afinal, em um hospital, o reencontro com o mesmo paciente e a boa recepção da contação nem sempre são garantidos, dado o fluxo intermitente das crianças e jovens atendidos e a rotatividade dos alunos contadores. Ao contrário do ambiente escolar, em que um professor, também no papel de mediador literário, pode elaborar sequências didáticas ou planos de aula que trabalhem temas polêmicos ou fraturantes<sup>6</sup>, fornecendo o apoio pedagógico necessário para o acolhimento da criança e o posterior acompanhamento de sua assimilação do texto, em um hospital pediátrico, nas condições de atuação descritas acima, o exercício do contador mediador se restringe à leitura de livros que evitem, a todo custo, o desconforto para o paciente e seus acompanhantes.

Em sequência a triagem dos livros, há o processo de etiquetagem, realizado por um grupo de alunos extensionistas encarregado do cuidado, da restauração e da seleção dos exemplares, a partir dos critérios pré-estabelecidos. Nesta etapa, os livros são divididos em três categorias — amarela, vermelha e azul —, para então serem encapados com plástico adesivo e colocados em uso. As cores representam categorias baseadas em características comuns a todas as histórias. Livros de adivinhação, *pop-ups*, isto é, compostos por elementos gráficos tridimensionais, ou voltados para bebês e crianças menores costumam receber etiqueta amarela. Já aqueles destinados a adolescentes e crianças maiores, com histórias mais longas, mais personagens e maior complexidade narrativa recebem a etiqueta de cor vermelha.

Já a etiqueta azul, presente em menor quantidade no acervo, abriga aqueles livros considerados clássicos da literatura infantil. Entre eles, há títulos geralmente conhecidos por

---

<sup>6</sup> A expressão “tema fraturante”, aqui empregada, foi cunhada pela professora portuguesa Ana Margarida Ramos em seus estudos sobre a literatura infantil (Ramos, Vernon, 2015). Entendem-se por temas fraturantes aqueles assuntos que, considerados polêmicos ou desconfortáveis por determinada sociedade, são tidos como inadequados para o público infantil ou juvenil e, por isso, tendem a ser tratados como tabus. Em suma, eles “conectam a literatura aos dilemas e questões sociais do mundo que habitamos” (Penzani, 2024, n.p).

todos, independentemente de fatores como idade, gênero, escolaridade e classe social. Em sua maioria, trata-se de contos de fada, como *Chapeuzinho Vermelho*, *João e o Pé de Feijão* e *A Bela Adormecida*, mas há, ainda, em menor número, histórias adaptadas e recontadas pela franquia *Turma da Mônica* e, em quantidade ainda menos expressiva, fábulas.

Essa preocupação com a escolha de bons livros e o cuidado com os ouvintes, com as quais o projeto se compromete, vai muito além de uma mera preferência estética. É coisa seríssima, impacta e ajuda a moldar o gosto literário de muita gente. Mário Feijó nos diz:

Um bom livro pode ser um tijolo na construção da vida de alguém. Pode ser um amigo de infância ou um colega de juventude. Muitos livros juntos podem formar acervo de uma biblioteca ou parte indispensável da bagagem de vida de uma pessoa. Literatura é vida colocada no papel por meio da arte da linguagem. Se crianças e jovens querem viver com intensidade – e sabemos que querem –, então não lhes podemos negar o melhor da literatura infantojuvenil. Seria como não lhes conceder uma das melhores partes da vida (Feijó, 2010, p. 14-15).

Um outro ponto importante levantado por Feijó, a partir das reflexões do poeta argentino Jorge Luis Borges, diz respeito ao status genealógico das narrativas. Torna-se evidente que, inevitavelmente, todos os textos e narrativas estabelecem relações entre si. Isto é, uma história antecede e, ao mesmo tempo, sucede outra e, assim, não só dão continuidade à tradição literária, mas também a renovam. “Estamos sempre falando de permanência, de continuidade das nossas tradições; mas a permanência ao longo do tempo exige reprodução”, comenta Feijó (2010, p. 25). Esta ideia será importante para o posterior estudo de recepção e adaptação literária proposto.

Desse modo, levando em consideração a relevância das narrativas da antiguidade clássica greco-romana para a formação de jovens leitores e ouvintes e, também, para a renovação de todo um cânone literário já consolidado, podemos destacar as fábulas como grandes promotoras desse encontro, dentre as histórias cabíveis a um acervo bibliográfico infantil e hospitalar, nas condições de mediação citadas. Comentaremos, adiante, de que forma as fábulas se fazem presentes na extensão *Alunos Contadores de Histórias*.

### **3.2. As fábulas de Esopo: os clássicos da Antiguidade no acervo**

Uma consulta ao acervo físico do projeto *Alunos Contadores de Histórias* nos mostra, porém, que, apesar do grande volume e da variedade de livros que o compõem, ao início da

pesquisa, ele continha apenas duas obras com a temática da antiguidade clássica, sendo elas exemplares das fábulas *A Cigarra e a Formiga* e *A Lebre e a Tartaruga*, atribuídas ao fabulista antigo Esopo. Ao nosso ver, uma quantidade escassa frente à importância das narrativas da antiguidade clássica. Para dar continuidade à pesquisa, então, passaremos a uma análise do gênero.

É bastante provável que um brasileiro chegue à idade adulta trazendo consigo, mesmo que de forma involuntária e inconsciente, ensinamentos e valores tradicionalmente transmitidos por meio das chamadas fábulas. Elas povoam nosso imaginário desde a infância, estão presentes em textos publicitários, em desenhos animados e em filmes, em canções, relacionam-se com ditados populares como “a pressa é inimiga da perfeição” e, lógico, habitam as histórias infantis, contadas em casa ou no ambiente escolar.

Partindo da perspectiva das fábulas na literatura, seria até fácil supor que, desde sempre, este gênero, que tem seus primeiros registros entre os povos sumerianos por volta do século XVIII a.C. (Dezotti, 2018, p. 23), para nós, tão frutífero na literatura infantil, repleto de ensinamentos passados por meio das figuras cativantes de animais falantes, tenha mesmo sido criado com o objetivo de entreter crianças e jovens, por vezes ensinando-lhes valores éticos e morais por meio de alegorias. Entretanto, para chegar às configurações que encontramos hoje, um longo caminho foi percorrido: afinal de contas, a humanidade já lida com as fábulas há bons séculos.

Maria Celeste Dezotti, autora e organizadora de *A tradição da fábula de Esopo a La Fontaine* (2018), esclarece, em sua obra, esta trajetória, partindo da tradição clássica até chegar às fábulas como gênero textual, sobre as quais lemos hoje em livros didáticos e encontramos nas histórias infantis.

Para ela, a fábula, fundamentada na oralidade, é “um modo universal de construção discursiva” (Dezotti, 2018, p. 23). De um povo a outro, dada a pluralidade e heterogeneidade cultural existente, há fatores variáveis quanto à organização do texto, às personagens envolvidas nessas narrativas e aos temas trabalhados. Contudo, ainda é possível perceber características que as classificam e as agrupam como pertencentes a uma mesma prática discursiva.

Na definição de fábula proposta pela autora, temos que “*fábula é um ato de fala que se realiza por meio de uma narrativa ficcional*. Logo, ela constitui um modo poético de construção discursiva, em que o narrar se torna o meio de expressão do dizer” (2018, p. 24, grifo do autor). Dessa forma, temos reforçada a ideia de que as fábulas e a arte de narrar

estão intrinsecamente relacionadas. E é esse requisito tão simples que garante a longevidade e a popularidade deste gênero, uma vez que adaptar-se a novos públicos e a novos tempos, com uma forma tão maleável, se torna uma tarefa consideravelmente mais fácil.

Essa longevidade encontra voz em uma das figuras mais emblemáticas do universo fabulístico, tão histórica para uns quanto mitológica para outros: o contador de histórias Esopo. Ao pai da fábula, como é conhecido graças às suas contribuições, apesar de não ter sido o pioneiro no gênero, é atribuída uma vasta coleção de cerca de 350 fábulas, algumas das quais não é possível comprovar a autoria. Quanto a isso, Manuel Aveleza de Sousa, no prefácio de *Interpretando algumas fábulas de Esopo* (2003), explica que “tornou-se hábito, a partir do século III a.C. colocar indistintamente sob o nome de Esopo todas as narrativas desse gênero, desde que não houvesse nenhuma indicação segura a respeito da respectiva origem” (Sousa, 2003, Prefácio, p. XXXVI). As informações que se tem de sua vida são incertas. Seu reconhecimento se dá, sem dúvidas, na Grécia, mas é importante fixar que “sua origem não é grega, mas oriental de alguma região da Ásia Menor”, como nos elucida Dezotti (2018, p. 34).

Seus feitos em vida, admitindo-o aqui como personagem histórico, são tão misteriosos quanto sua morte. Para o historiador grego do século V a.C., Heródoto (*Hist.*, II, CXXXIV), Esopo teria sido levado como escravo para Samos, ilha localizada ao leste do mar Egeu, em meados do século VI a.C. Lá, já como um homem livre, ganharia reconhecimento como orador e conselheiro. Seu fim na cidade de Delfos, porém, teria se dado de maneira trágica, por meio de um assassinato. As possíveis motivações são variadas e algumas, certamente, contribuem para o caráter lendário atribuído ao fabulista. É certo de que, à época de sua morte, Esopo já havia se consagrado como um grande nome de seu tempo, sendo apreciado por autores como Platão e Aristóteles.

Sobre a estrutura fabulística adotada por Esopo, é importante registrar que a ideia de que elas haviam sido concebidas em verso, como boa parte de suas adaptações mais antigas nos levam a crer, é errônea. “Embora a grande maioria dos imitadores de Esopo [...] tenham preferido o verso, certo é que a variante conservada das fábulas esópicas está escrita em prosa”, comentam Aurélio Buarque Ferreira e Paulo Rónai (1998, p. 50).

Uma fábula esópica estrutura-se, de uma forma geral, em dois breves parágrafos. O primeiro apresenta a narrativa e, o segundo, chamado epimítio, é constituído por uma interpretação da narrativa (moral) e pela informação metalinguística do ato de fala articulado pelo narrador, considerado por Maria Celeste Dezotti uma denúncia da

“verdadeira natureza enunciativa da fábula” (2018, p. 26). A expressão deste epimítio, porém, não era obrigatória. Havia, como em uma espécie de jogo, espaço para a dedução da moral a partir das lacunas deixadas pelo autor.

Além disso, as personagens, comumente associadas a animais, também poderiam ser, não obstante, “deuses, heróis, homens, plantas, objetos, diferentes partes de um mesmo corpo e até entidades abstratas” (Dezotti, 2018, p. 30).

Outro ponto que merece destaque é o público a que estas fábulas esópicas inicialmente se destinavam. Àquela época ainda não se tinha as ideias e os ideais de infância e, muito menos, de literatura infantil que temos hoje. Michèle Petit, em *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2009), explana que, no princípio, a leitura era tida como um instrumento de coerção, uma forma de controle utilizada para moldar identidades coletivas (Petit, 2009, p. 18). Feijó também relata que, à época da primeira versão escrita de *Odisseia*, por volta do século VIII a.C., a obra já servia como forma de instrução para crianças e jovens nas cidades gregas (Feijó, 2010, p. 28).

A concepção desta prática como um mecanismo para a experiência de outros mundos, culturas e costumes, como um solo fértil para a imaginação, um exercício de liberdade oferecido aos pequenos e um lugar propício ao devaneio e à fabulação, tão cara ao nosso tempo, surge apenas após a valorização da figura da própria criança e do surgimento do sentimento de infância, o que, para Philippe Ariès, corresponde “à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem” (Ariès, 1986, p. 156)<sup>7</sup>. Antes que se pudesse supor que crianças eram indivíduos, merecedoras de atenção e cuidado singulares, não havia espaço para o tipo de literatura infantil ao qual se associam as adaptações de fábulas que temos hoje.

O estudo aqui proposto, uma vez que falamos de narrativas apropriadas e transpostas à realidade de leitores contemporâneos, se dá, portanto, à luz dos estudos de recepção dos clássicos. A fim de uma breve contextualização inicial, recorreremos novamente à Michèle Petit, para quem a recepção se dá quando há a apropriação dos textos por parte dos leitores que, então, alteram seu sentido, a partir de suas próprias interpretações (2009, p. 26).

Segundo Charles Martindale, sobretudo a partir do que é exposto em suas pesquisas *Redeeming the Text: The Validity of Comparisons of Classical and Postclassical Literature*

---

<sup>7</sup> Cf. “à une conscience de la particularité enfantine, cette particularité que distingue essentiellement l’enfant de l’adulte même jeune” (Ariès. Philippe. *L’enfant et la vie familiale sous l’Ancien Regime*. Tradução de Dora Flaksman. Paris: Éditions du Seuil, 1973).

(*A View from Britain*) (1991) e *Redeeming the Text: Latin poetry and the hermeneutics of reception* (1993), neste contexto, dá-se maior destaque à figura do leitor e às apreciações feitas por ele, negociando “as possíveis conexões que podem ser construídas entre textos, com a consciência de que isso sempre envolve uma “fusão de horizontes” em constante movimento” (Martindale, 1991, p. 54, tradução nossa)<sup>8</sup>. Em suma,

Toda leitura de uma obra torna-se uma nova instanciação com sua própria característica (como podemos observar, por exemplo, a partir de nossas próprias releituras de livros em diferentes períodos de nossas vidas). O processo de recontextualização já estava em curso com os primeiros receptores do texto, de modo que nunca se teve um contexto original estabelecido. Ao invés disso, cada obra torna-se uma intervenção dentro de um campo intertextual, que, por mais que tente demarcar uma posição específica, nunca consegue fazê-lo, e cujos significados estão sendo constantemente percebidos novamente do ponto da recepção (Martindale, 1991, p. 54, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Além disso, para o autor, as interpretações, juízos de valor e análises que fazemos de textos da antiguidade atualmente são “de maneiras complexas, quer estejamos cientes disso ou não, construídas pela cadeia de recepções pela qual sua contínua legibilidade foi efetuada” (Martindale, 1993, p. 7, tradução nossa)<sup>10</sup>. Dessa forma, não há como recriar o “sentido original” de uma obra sem que nossa visão esteja enriquecida ou contaminada, a depender do ponto de vista, por adições atuais posteriores ao texto analisado.

Seja por meio do contador de histórias Esopo, seja por meio dos alunos extensionistas contadores de histórias, estas narrativas seguem promovendo o encantamento com o rico universo fabulado. Em um projeto de contação de histórias como esse, em que a oralidade se constitui como veículo para a humanização hospitalar, é justo reconhecer que a presença das fábulas da antiguidade clássica é pertinente neste acervo bibliográfico.

A seguir, para compor o *corpus* desta monografia, nos deteremos e daremos especial atenção às adaptações infantis das fábulas esópicas presentes na coleção de livros do

---

<sup>8</sup> No original: “the possible connections that can be constructed between texts, with an awareness that this always involves a constantly moving “fusion of horizons”” (Martindale, Charles. *Redeeming the Text: The Validity of Comparisons of Classical and Postclassical Literature (A View from Britain)*. Arion: A Journal of Humanities and the Classics. Boston: Trustees of Boston University, 1991, v. 1. n. 3.).

<sup>9</sup> No original: “Every reading of a work becomes a fresh instantiation with its own character (as we can see, for example, from our own rereading of books at different periods in our lives). The process of recontextualization was already in motion with the text's first receivers, so that there never was a fixed original context. Rather, each work becomes an intervention within an intertextual field, which, however much it tries to stake out a specific position, never succeeds in doing so, and whose meanings are being constantly realized anew at the point of reception (*Ibidem*).

<sup>10</sup> No original: “our current interpretations of ancient texts, whether or not we are aware of it, are, in complex ways, constructed by the chain of receptions through which their continued readability has been effected” (Martindale, Charles. *Redeeming the Text: Latin poetry and the hermeneutics of reception*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 7).

projeto *Alunos Contadores de Histórias*.

### 3.3. Desafios e expectativas na mediação dos clássicos da antiguidade no IPPMG

Propomos, adiante, uma análise descritiva quanto aos dois únicos exemplares de fábulas esópicas encontradas no acervo, de forma a proporcionar uma melhor visualização do material com o qual trabalhamos. São elas:

1. *A Lebre e a Tartaruga* (2006), adaptado por Eunice Braido e ilustrado por Glair Arruda, publicado pela editora FTD;
2. *A Cigarra e a Formiga* (2013), publicado pela editora Ciranda Cultural, cujo adaptador não é identificado e ilustrado por Jesús Lopez.

**Figura 2** - Capas dos livros *A Lebre e a Tartaruga* e *A Cigarra e a Formiga*, respectivamente.



Fonte: Acervo do projeto *Alunos Contadores de Histórias*, 2024.

Para Mário Feijó, a adaptação literária se configura como “um tipo especial de tradução que envolve seleção de conteúdo — pois resume o enredo — e adequação de linguagem para apresentar a obra escolhida aos jovens de um novo tempo; e assim a tradição se perpetua, e se legitima, por meio da renovação” (Feijó, 2010, p. 44). Se, naturalmente, toda sociedade necessita atualizar seus valores e discursos, quaisquer que eles sejam, essas adaptações se tornam primordiais neste processo de atualização.

Como uma análise de adaptação sob a luz da recepção, estudamos, então, o texto

segundo, conforme cunhado por Michel Foucault em *A ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970* ([1971], 1996), admitindo, portanto, as fábulas cuja autoria são atribuídas a Esopo como texto primeiro. Isto é, aqui, analisamos *A Lebre e a Tartaruga*, de Eunice Braido, e *A Cigarra e a Formiga*, publicado pela editora Ciranda Cultural, como textos segundos em relação às fábulas esópicas.

Sobre a relação de ambos os textos, Foucault comenta que o desnível entre eles permite a construção indefinida de novos discursos. O texto segundo jogará luz sobre certos aspectos implícitos do texto primeiro, cuja articulação silenciosa é então desfeita. O novo texto “deve, conforme um paradoxo que ele desloca sempre, mas ao qual não escapa nunca, dizer pela primeira vez aquilo que, entretanto, já havia sido dito e repetir incansavelmente aquilo que, no entanto, não havia jamais sido dito” (Foucault, [1971], 1996, p. 25)<sup>11</sup>. Logo, conforme Feijó, a partir dessa ideia “poderemos pensar a adaptação como um procedimento habitual e inerente à renovação da tradição literária, como perpetuação e divulgação dos cânones” (2010, p. 43).

A fim de permitir uma análise mais esmerada da forma com que se deu este processo de adaptação em ambas as fábulas encontradas, reproduzimos aqui as traduções feitas por Neide Smolka, responsável pela primeira edição brasileira, traduzida diretamente do grego para a língua portuguesa, de uma coleção de fábulas esópicas. Para isso, Smolka parte da organização das 358 fábulas atribuídas a Esopo e compiladas, traduzidas e analisadas, na obra *Aesopi - Fabulae* (1925), pelo francês Émile Chambry.

Antes, porém, destacamos que, valendo-se de um recurso gráfico, a expressão do epimítio, que, nestas duas fábulas, foi mantido, aparece separada do parágrafo único narrativo que o precede. Aqui, por limitações de formatação, indicamos a separação entre moral e narrativa pelo uso do itálico. Como não acessaremos o texto em grego de Esopo para esta análise, a seguir, reproduzimos a tradução integral proposta pela professora Smolka, em *Fábulas Completas* ([1998], 2004), das fábulas mencionadas em (1) e (2), respectivamente:

Uma tartaruga e uma lebre discutiam sobre qual era a mais rápida. E, então, marcaram um dia e um lugar e se separaram. Ora, a lebre, confiando em sua rapidez natural, não se apressou a correr, deitou-se no caminho e dormiu. Mas a tartaruga, consciente de sua lentidão, não parou de correr e, assim, ultrapassou a lebre que dormia e chegou ao fim, obtendo a vitória. *A fábula mostra que, muitas vezes, o trabalho vence os dons naturais, quando estes são negligenciados*

---

<sup>11</sup> Cf. “Il doit, selon un paradoxe qu’il déplace toujours mais auquel il n’échappe jamais, dire pour la première fois ce qui cependant avait été déjà dit et répéter inlassablement ce qui pourtant n’avait jamais été dit” (Foucault, Michel. *L’ordre du discours*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. Paris: Editora Gallimard, 1971).

(Esopo, tradução de Smolka, 2004, p. 189, grifo nosso).

No inverno, as formigas estavam fazendo secar o grão molhado, quando uma cigarra, faminta, lhes pediu algo para comer. As formigas lhe disseram: “Por que, no verão, não reservaste também o teu alimento?”. A cigarra respondeu: “Não tinha tempo, pois cantava melodiosamente”. E as formigas, rindo, disseram: “Pois bem, se cantavas no verão, dança agora no inverno”. *A fábula mostra que não se deve negligenciar em nenhum trabalho, para evitar tristezas e perigos*” (Esopo, tradução de Smolka, 2004, p. 181, grifo nosso).

Na versão de *A Lebre e a Tartaruga* adaptada pela escritora Eunice Braido e ilustrada por Glair Arruda, são mantidas certas características do texto primeiro, como a disposição da história em prosa. Na adaptação, a fábula esópica, antes tão breve, se desdobra em uma narrativa mais extensa, delimitada por um evento — a corrida anual realizada entre os habitantes do chamado “Bosque Feliz” — e pela presença de outros animais, como corujas, onças, sapos, crocodilos e avestruzes, registrada por meio das ilustrações, que ajudam a compor o cenário narrativo, embora estes não possuam falas.

Neste evento, a lebre, campeã invicta e julgando não ter adversários à sua altura, aceita, com certo desdém, a proposta da tartaruga que deseja tomá-la como oponente. Adotando uma postura moralizante, a lebre pretende dar uma lição à tartaruga por ela julgar que é capaz de vencê-la. Por meio do diálogo estabelecido entre as personagens, evidencia-se quais características são atribuídas a cada uma delas. Temos a manutenção da ideia de representação da tartaruga como um animal sábio, experiente, perseverante e dócil, enquanto a lebre é tida como preguiçosa, ambiciosa e até mesmo arrogante.

A moral é expressa, no último parágrafo do livro, de forma menos explícita ou moralizante, por meio da passagem “Derrotada e infeliz, a lebre reconheceu seu erro em menosprezar a tartaruga e percebeu que é preciso persistência para ganhar uma corrida” (Braido, 2006, p. 16), enquanto que no epímitio da tradução esópica realizada por Smolka, a ideia passada parece ser mais abrangente, não estando restrita a uma lição aprendida especialmente pela personagem lebre.

Já no livro *A Cigarra e a Formiga*, cujo responsável pela adaptação não é creditado pela editora Ciranda Cultural e ilustrado por Jesús Lopez, observamos a permanência de uma narrativa mais direta e curta, embora ainda assim mais extensa do que a fábula traduzida por Neide Smolka. A adaptação, composta por quatro páginas duplas, mantém também o diálogo entre as personagens e, ao contrário de algumas edições infantis, mantém a impassividade da formiga em relação ao despreparo da cigarra para sobreviver ao inverno. Ela é trabalhadora, esforçada e também impiedosa ao não ajudar quem, ao seu ver, não fez por merecer seu

auxílio.

De forma explícita, o epímitio da adaptação aparece destacado como “moral da história” e reforça a ideia de que é necessário saber quando se deve brincar e quando se deve trabalhar. Por se tratar de um livro acompanhado de efeitos sonoros, com a possibilidade de se reproduzir os sons da cigarra e da formiga por meio de botões, o estímulo sensorial proposto pelo livro, para além das ilustrações que retratam o trabalho da formiga e a conversa entre ela e a cigarra, ajuda a atrair a atenção dos ouvintes e leitores, possibilitando uma maior imersão narrativa.

#### 4. CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi realizar um levantamento das obras com temática da antiguidade clássica presentes no acervo bibliográfico do projeto de extensão *Alunos Contadores de Histórias*. Esse levantamento buscava alcançar um propósito mais amplo: destacar a importância da presença das narrativas da antiguidade clássica na formação cultural de crianças e jovens. No levantamento realizado no acervo mencionado, foram identificados apenas dois exemplares relacionados ao tema, ambos contendo fábulas adaptadas do antigo fabulista Esopo (*A Lebre e a Tartaruga*, adaptada por Eunice Braido, ilustrada por Glair Arruda e publicada em 2006 e *A Cigarra e a Formiga*, sem adaptador identificado, ilustrada por Jesús Lopez e publicada em 2013). Considerando a escassez de materiais dessa natureza no acervo do projeto ACH e partindo da convicção acerca da relevância dessas narrativas na educação desde a infância, esta monografia procurou evidenciar as razões que justificam a ampliação e atualização do acervo com obras que assumam essa temática.

Tendo sido apresentada a pesquisa, chegamos à sua conclusão com a segurança de que, nestas linhas, foi possível evidenciar a relevância da presença da antiguidade clássica que até hoje integra profundamente a cultura ocidental e nos permite valorosas reflexões acerca do mundo e dos espaços que nele ocupamos.

Nossa insistência na difusão destas narrativas é justificada, ao longo do texto, pela importância que essas histórias possuem até hoje, aguçando a curiosidade de crianças e jovens com a temática da antiguidade clássica e aumentando seu repertório cultural de forma leve e descontraída. Por meio da adaptação de clássicos, não somente tais histórias são resgatadas, como também contribuem para a formação leitora e cidadã das novas gerações que delas usufruem.

Se as fábulas nascem na oralidade, é proveitoso que encontrem, nas contações de histórias contemporâneas ao público infantil, o eco necessário para a sua reprodução e propagação, valendo-se de alegorias para transmitir mensagens e valores que encontram abrigo em nossa sociedade, favorecendo o desenvolvimento da criatividade e de reflexões críticas.

Michèle Petit ([1998], 2008) sumariza de forma sensível a importância da experiência da leitura como afeto compartilhado, um dos pontos fulcrais na construção desta pesquisa. Para ela, por meio da leitura compartilhada, somos capazes de experimentar o sentimento

de pertencimento, seja à humanidade, a algum lugar, ao nosso tempo ou a outros. E essa experiência de partilha de nossa própria humanidade com outras pessoas por meio da leitura também transforma profundamente nossa relação com o outro (Petit, [1998], 2009, p. 43).

Ao considerarmos o contexto hospitalar no qual a mediação literária destas fábulas é proposta, delegamos um valor ainda maior aos encontros e trocas proporcionados pela fruição destas narrativas que encantam a humanidade já há alguns séculos.

Com a certeza de que esta presença promissora, ainda que incipiente, pode e deve ser promovida na coleção de livros do projeto, esperamos que, a partir desta pesquisa, mais crianças e jovens em atendimento no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira possam ter acesso a esse “patrimônio valiosíssimo que a humanidade vem acumulando há milênios” (Machado, 2002, p. 30), por meio do aumento da oferta de fábulas em circulação no ambiente hospitalar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BRAIDO, Eunice. **A Tartaruga e a Lebre**. Ilustração de Glair Arruda. Coleção Contos de Papel. São Paulo: FTD Editora, 2006. 16 p.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 279 p.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011. 272 p.  
DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. **A tradição da fábula de Esopo a La Fontaine**. São Paulo: Editora Unesp, 2018. 247 p.

ELIOT, T. S. **Ensaio Escolhidos**. Tradução de Maria Adelaide Ramos. 3. ed. Lisboa: Cotovia, 2014.

ESOPO. **Fábulas completas**. Tradução, introdução e notas de Neide Smolka. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2004.

FEIJÓ, Mário. **O prazer da leitura: como a adaptação de clássicos ajuda a formar leitores**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2010. 167 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; RÓNAI, Paulo. **Mar de histórias: antologia do conto mundial: das origens à idade média**. 1 vol. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso: Aula Inaugural no Collège de France Pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

HERÓDOTO. **História**. Tradução de J. Brito Broca. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019. 392 p.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 135 p.

MARTINDALE, Charles. **Redeeming the Text: The Validity of Comparisons of Classical and Postclassical Literature (A View from Britain)**. Arion: A Journal of Humanities and the Classics. Boston: Trustees of Boston University, 1991, v. 1. n. 3.

MARTINDALE, Charles. **Redeeming the Text: Latin poetry and the hermeneutics of reception**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.** Tradução de Celina Olga de Souza. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2009. 192 p.

PENZANI, Renata. Temas fraturantes: literatura que gera desconforto e quebra tabus. **Companhia das Letras.** São Paulo, 13 de jun. de 2024. Disponível em: [https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaLetrinhas/Post/6610/temas-fraturantes-literatura-que-gera-desconforto-e-quebra-tabus?srsIid=AfmBOopclvgK2XCCFhs4WjCeWJXmFLj6H\\_njThl\\_Zz3I-Syk2-GUuvqr](https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaLetrinhas/Post/6610/temas-fraturantes-literatura-que-gera-desconforto-e-quebra-tabus?srsIid=AfmBOopclvgK2XCCFhs4WjCeWJXmFLj6H_njThl_Zz3I-Syk2-GUuvqr). Acesso em: 10 de out. de 2024.

RAMOS, Ana Margarida; VERNON, Richard. **Das dores de crescimento à dor de existir: representações literárias de adolescências feridas.** In: Acta Scientiarum. Language and Culture, v. 37, n. 3, 2015, p. 287-295. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3074/307441782008.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SOUSA, Manuel Azeleza de. **Interpretando algumas fábulas de Esopo.** 1. ed. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2003.